

A representação da surdez no Diário de Pernambuco entre 2013 a 2018

Phagner Ramos ¹

Elaine Magalhães Costa-Fernandez ²

RESUMO

Este estudo sobre as representações sociais que envolvem a surdez na mídia pernambucana é parte de uma pesquisa sobre a educação de surdos em Venturosa realizada no PPG-Psi da UFPE. Considera-se a surdez um termo em disputa ideológica, definida como doença/deficiência pela perspectiva clínico-terapêutica e como diferença linguística, pela abordagem sociolinguística. Ele visa compreender os significados da surdez no Diário de Pernambuco, um dos principais cotidianos do estado, entre os anos de 2013 e 2018. Com o auxílio do software Iramuteq, foi possível perceber seis classes principais de significados, ~~que foram~~ denominadas a partir da interpretação dos segmentos textuais: ENEM, Inclusão Cultural, Escola, Demanda Legal, Vivências e Problemas. Como início das análises ~~foi possível perceber~~, percebe-se que as classes se agrupavam entre falar do surdo como sujeito em suas experiências e falar sobre o surdo atendendo a prescrição legal (mesmo sem de fato falar sobre o surdo). Mesmo no grupo das experiências desponta-se a continuidade da dicotomia do discurso sobre a deficiência, vista ao mesmo tempo como diferença com direito a cidadania, e como uma inferioridade orgânica, ‘problemática’. Por fim, este texto alinha-se ao percurso dos autores de aproximar-se dos Estudos Surdos, e assim ampliar os saberes sobre a surdez, enquanto campo ainda em construção.

Palavras-chave: surdez, deficiência, inclusão, política educacional.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa³ tem como objetivo central compreender os significados atribuídos por professores do interior pernambucano a cerca da surdez e refletir sobre as práticas de inclusão na educação formal. A educação dita especial no interior pernambucano ainda apresenta uma série de desafios e de necessidades de construção (RAMOS, COSTA-FERNANDEZ, 2018; BEZERRA; RAMOS, 2018) e por isso torna-se relevante–aproximar-nos dos discursos que possibilite conhecer a realidade.

¹ Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, phagnerramos@hotmail.com;

² Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, elainef@free.fr

³ Projeto de mestrado financiado pela CAPES realizado por Phagner Ramos sob a orientação da Profa. Elaine Magalhaes Costa Fernandez do PPG-Psi da UFPE,.

O acesso à educação formal como um direito de todos, emerge no conjunto das ideias iluministas (SAVIANI, 2000), que co-constroem o Estado-Nação moderno, em seu estandarte democrático. Propor educação para todos exalta o compromisso pela igualdade, com a criação e/ou ampliação de sistemas escolares públicos comprometidos com a universalidade, alcançando segmentos sociais antes não tocados (GHANEM JUNIOR, 2000).

Enquanto os novos Estados modernos, ecoavam o grito de igualdade, estipulava-se quem seria o detentor desse direito, o padrão: a igualdade entre os homens, a universalidade para os homens. O então “homem moderno”, a figura elegida pelo discurso moderno enaltecia os homens (brancos) em seu discurso, negando a igualdade aos que fugiam do padrão estabelecido (mulheres, negros, crianças, anormais). A igualdade era tão privada a certos grupos, que na Constituição Brasileira de 1824, Título II, Artigo 8º, Item 1º, priva-se as crianças que possuam alguma condição de deficiência de todos os seus direitos políticos, o que incluía a educação (JANNUZZI, 2006).

As diferenças são reconhecidas como déficits, os tornando hierarquicamente inferiores (PIERUCCI, 2000). O sistema de igualdade que normaliza ao eleger um tipo de pessoa como ideal não é questionado, mas sim, aqueles que não conseguem se adequar a isso (FOUCAULT, 2008).

Contudo, a supremacia da igualdade a partir do homem branco é questionada pelo fortalecimento de grupos identitários desejosos do olhar para suas especificidades, sem inferiorizar-se, como os movimentos negros, o feminismo, as comunidades LGBTQs, a luta das pessoas com deficiência. Antônio Pierucci (2000) marca essa mudança:

a começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica totalmente nova, na qual parece generalizar-se em ritmo acelerado e perturbador a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato (p. 07)

Reconhecendo a exclusão, a inclusão emerge para negociar a entrada e a permanência de diversos grupos na escola (num gradativo processo da segregação, para a integração e para a inclusão). Contudo, a abertura gradativa expande a fronteira inclusão/exclusão, sem a pretensão de questioná-la (GLAT; FERNANDES, 2005).

Incluir significa inserir, tornar parte. No contexto educativo, a iniciativa de incluir implica em ampliar os critérios da ação, possibilitando o acesso e a permanência de grupos marginalizados na escola (SUPLINO, 2009). Com esse discurso, as diversas dificuldades de aprendizagem, deficiências ou déficits, vindos de estratos biológicos, ou de condições de classe, étnico-raciais, e gênero, são aos poucos visibilizados.

Ana Flávia Oliveira (2014) desenvolveu trabalho inovador ao analisar o discurso do portal MEC sobre as deficiências, percebendo o duplo papel, enquanto detentores do direito a inclusão em respeito às suas singularidades, e como um ser universal forjado no discurso médico, patológico.

Em especial, este trabalho, debruçará sobre a comunidade surda, por ser uma diferença que questiona o papel inclusivo homogeneizante da escola (SKLIAR, 1997). Os surdos denunciam a construção discursiva da surdez como uma deficiência, e sinalizam as diferenças socioculturais de uma população com língua própria (QUADROS, 1997). O intuito da educação surda, afasta-se, portanto, de qualquer tentativa de normalizá-la através da oralidade. A educação surda passa pela aceitação plena das diferenças, pelo reconhecimento do direito dos surdos de serem não-ouvintes, já que são detentores de uma língua própria.

Aproximar-se da comunidade surda implica em levantar alguns questionamentos: Que escola incluirá os surdos, levando em conta suas diferenças linguísticas? Como definir uma escola verdadeiramente bilíngue? O que dizem as políticas públicas educacionais sobre esta problemática no Brasil de hoje?

As políticas públicas educacionais engendram-se no campo sócio-político, sendo produzidas por posicionamentos ideológicos e políticos, em conversa com as representações sociais da população (AZEVEDO, 1997).

Assim sendo, tanto as mídias, impressas quanto digitais desempenham papel preponderante por conseguirem atingir uma quantidade grande de pessoas, informando e dando o tom das discussões, a partir das escolhas ideológicas dos grupos que a compõe.

As manchetes e as matérias são construídas escolhendo-se as palavras, que concretizam posicionamentos ideológicos. Com esse pressuposto este trabalho objetiva aproximar-se da construção discursiva que o jornal Diário de Pernambuco faz da surdez durante os anos de 2013 à 2018.

METODOLOGIA

Para essa pesquisa realizou-se uma busca na página online do jornal Diário de Pernambuco, com o radical: 'surd', podendo se referir aos termos surdez, surda(s) e surdo(s). As matérias datadas entre 2013 e 2018, foram lidas, sendo eliminadas matérias em que os descritores aparecessem sem relação com o sentido pretendido, como no caso do 'surdo' se referindo ao instrumento musical, ou da 'surdez' como título de música. As 66 matérias incluídas no corpus deste trabalho foram devidamente transcritas respeitando as indicações do

software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires).

O software Iramuteq foi desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009). Trata-se de ~~sende~~ uma ferramenta de processamento de dados, que possibilita organizar grande corpus de dados. A Análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), gera a classificação textual e seus segmentos a partir da frequência e da relação estatisticamente significativas dos segmentos de texto, estabelecido pelo qui-quadrado (χ^2), formando classes de palavras, representadas pelo dendograma. O programa fornece também o conjunto de segmento de dados que forma cada classe, que possibilita ao pesquisador dar sentido a cada classe e analisar o motivo de sua relação (SANTOS, 2018).

Para este trabalho apresentaremos a análise pre-liminar dos dados, considerando seus aspectos centrais e o início das discussões, possibilitando assim ~~iniciar~~ o dialogo com o campo científico.

RESULTADOS

A partir do Iramuteq foi apresentado seis classes de palavras, que foram preliminarmente analisadas, chegando à tabela a baixo, que apresenta apenas as palavras mais representativas de cada classe. As classes ENEM e Inclusão Cultural aparecem de forma independente, enquanto que as demais classes (escola, prescrição, vivência e problemas) se relacionam dentro do grupo das experiências.

O Exame Nacional do Ensino Médio é o ponto de converção da classe ENEM. Todos os anos nas semanas anteriores a inscrição e a aplicação do ENEM o jornal dedicava matérias informandos os procedimentos, mudanças e dicas para os candidatos, isso incluía falar sobre as adaptações da prova para os participantes com necessidades específicas como a cegueira ou a surdez. A videoprova é um desses modelos específicos desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) como alternativa para a realização da prova por pessoas surdas, e por isso esses termos são repetidos.

Além disso, em 2017 houve uma maior frequência de matérias sobre o tema, isso se deve ao tema da redação do ENEM “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. Como de costume o tema da redação foi objeto de diversas matérias, com comentários de especialistas e de participantes do processo.

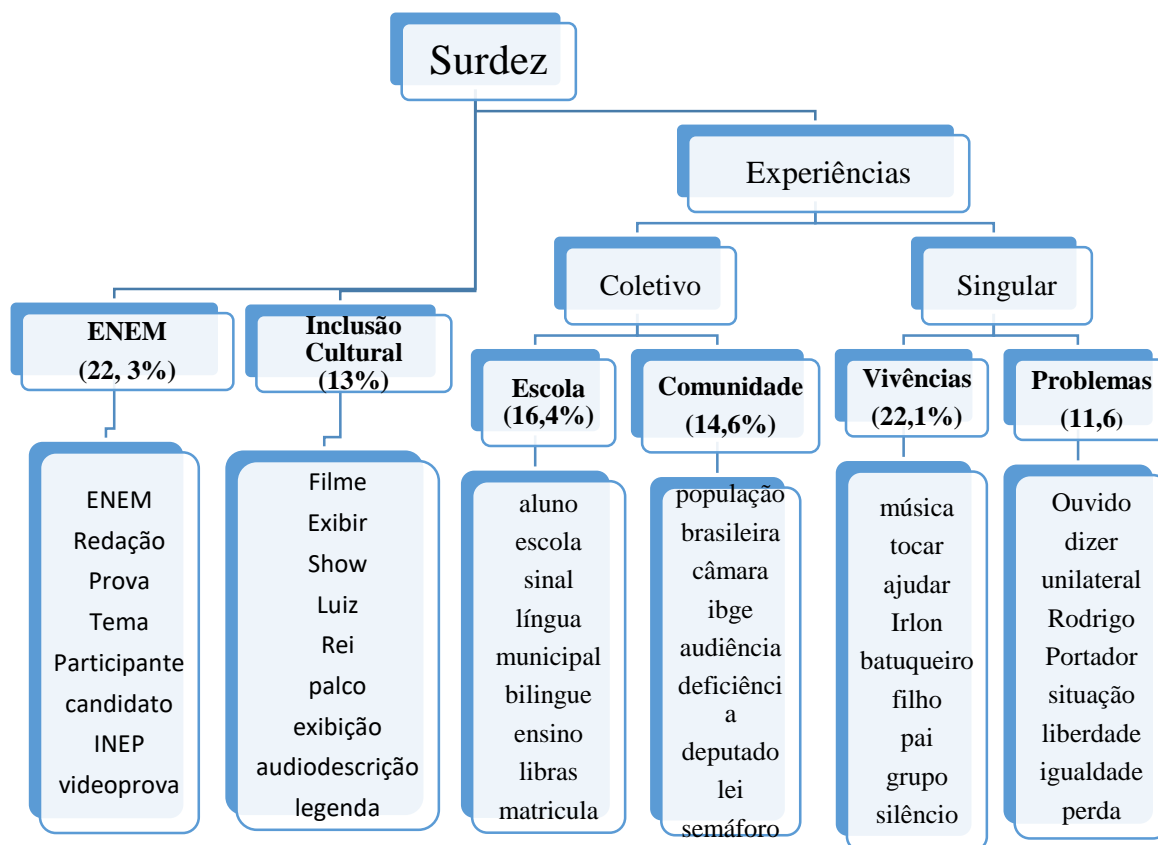


Figura 1: dendograma, com as palavras principais de cada classe.

A segunda classe é interessante, pois aparece de forma discreta nas matérias, sendo consequência secundária da Lei da Libras (Lei nº 10.). Pela Lei da Libras torna-se obrigatório para os espaços culturais, como cinema, teatro e shows disponibilizarem adaptações (legenda ou interprete/tradutor de Libras) para que as pessoas surdas acessem os eventos. Por isso, no jornal muitas das matérias de divulgação cultural, citavam essas formas de adaptação, um dos exemplos mais citados foi a realização do show de Roberto Carlos em 2017, que contou com a participação de Jennifer Lopez, tendo o desafio de contar com um interprete/tradutor de Libras na platéia que também soubesse inglês.

Nessas duas primeiras classes o sujeito surdo quase não aparece, cabendo muitas vezes matérias descritivas, que expressavam a existência de interpretes/tradutor de Libras no ENEM ou em eventos culturais. Diferente do grupo Experiências, que conglomera as outras classes de palavras, e que foca-se exatamente na demanda e no cotidiano dos sujeitos surdos.

Como se pode ver pela figura 2, as classes escola, prescrição, vivência e problemas estão bem próximos, chegando a se entrelaçar e formando um grupo maior que denominamos

de Experiências, diferentemente das classes ENEM e Inclusão Cultural que aparecem bem mais demarcadas.

Divididas pelas experiências coletivas e singulares, o grupo Experiência tende a ser composto por matérias com a surdez como marca principal, e a surdez contada a partir dos sujeitos surdos ou das questões da experiência surda.

No subgrupo coletivo, a escola emerge como espaço de discussão e debate sobre a surdez, especialmente a língua de sinais e a sala bilíngue. A cidade de Recife inaugurou salas bilíngues em 2015, o que suscitou diversas matérias do jornal, apresentando como será o formato da aula, e o depoimento de pessoas surdas e especialistas da área.

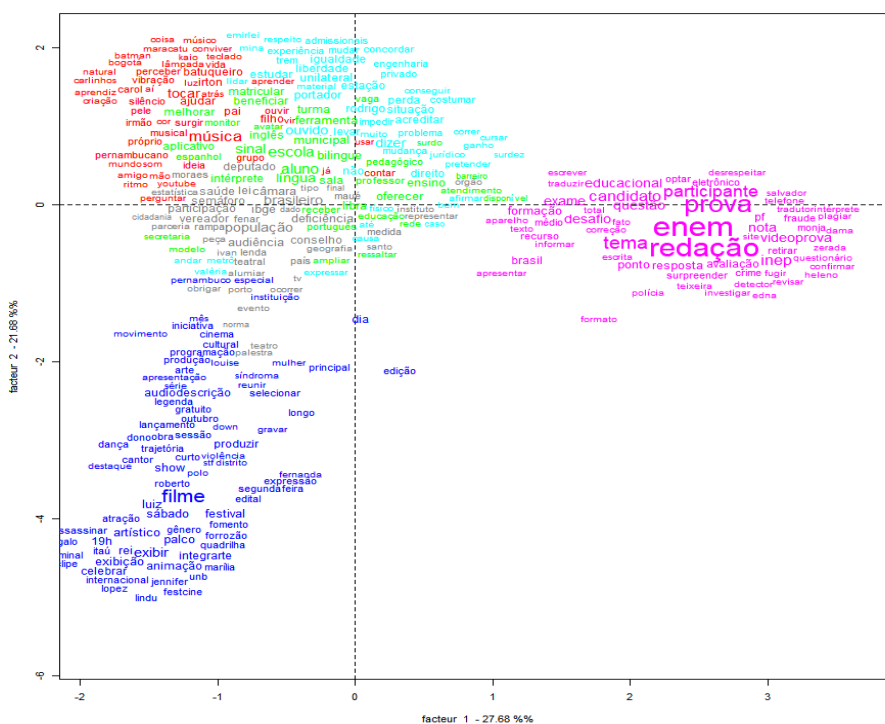


Figura 2: Apresenta a disposição das palavras das seis classes. 1. ENEM: palavras em rosa; 2. Inclusão Cultural: Azul escuro; 3. Escola: verde; 4. Prescrição: cinza; 5. Vivência: vermelho; 6. Problemas: azul claro

Na mesma classe coletiva, apresenta-se a classe Prescrição, que tem como foco as características, as leis e as demandas da população surda brasileira. Foi denominada prescrição por que tende a apenas apresentar os números do IBGE ou as Leis para embasar demandas dos surdos, se posicionando em forma de denúncia.

No subgrupo singular, as experiências surdas são mostradas a partir do relato individual, nesse momento os surdos ganham maior espaço para falar sobre suas vivências cotidianas, familiares, como também dos problemas que enfrentam socialmente. As matérias

nesse tópico tem a tendência a serem mais expressivas, ganhando um tom mais narrativo, poético, às vezes, diferente das matérias sobre o ENEM e a Inclusão Cultural que são parecem ter informações específicas como centro. Diferenciam-se do sub-grupo coletivo, por apresentar mais o sujeito, citando nomes, acompanhando a narrativa da pessoa, construindo até um cenário de maior intimidade. Apesar de também citar instituições, como a escola, e comentar o impacto das leis, aqui o foco é o sujeito em sua singularidade.

Na classe das ‘Vivências’, a relação da música e da pessoa surda ganha maior destaque, pela ‘estranheza’ que causa, por ser no caminho do contrassenso social. O Diário de Pernambuco retrata em diversas matérias as atividades dos “Batuqueiros do Silêncio” grupo de música pernambucano, composto por pessoas surdas, tendo Irlon como um dos fundadores do movimento. Para além da música, essas matérias adentram o cotidiano das pessoas surdas, comentando sobre suas relações familiares e da convivência em grupo das comunidades surdas.

Na classe dos ‘Problemas’ aparece com maior frequência algumas leis, regulamentações, contudo ao contrário da classe ‘Prescrições’ o ponto aqui não é o que deve ser feito, qual o papel da instituição, mas aproxima-se de um processo de sensibilização. Apresenta-se com mais emoção os entraves dos sujeitos, sua experiência aparece rodeada de sentimentos, com o tom de intimidade na apresentação dos sujeitos surdos, como estratégia de criação de identificação social.

DISCUSSÃO

O Diário de Pernambuco teve matérias sobre a surdez em todos os anos estudados, mostrando que é um tema social constante. Contudo, muitas das matérias apresentavam um tom informativo como apresentado na classe ‘ENEM’ e na classe ‘Inclusão Cultural’. O sujeito surdo não aparece nessas classes de forma direta, o que se apresenta é um surdo idealizado nas informações sobre as adaptações presentes nas leis e nas regulamentações.

A redação de 2017 do ENEM elevou a quantidade de matérias sobre a surdez, durante aquelas semanas o tema pairou no imaginário social, e foi negociado pelos significados. Contudo, muitas dessas matérias apresentaram a falta de conhecimento da população, o uso de Linguagem, ao invés de língua ao se referir a Libras exemplifica isso. Algumas matérias mostraram a surpresa e o desconhecimento dos próprios estudantes sobre o tema.

A dualidade de singular e coletivo, problema e possibilidade encontrada por Ana Flávia Oliveira (2014) no Portal MEC é (re) apresentada também no Diário de Pernambuco. O grupo das experiências, vai se subdividindo nessa perspectiva e apartir do depoimento das pessoas surdas, a surdez se constrói paradoxalmente como problema (falta) e como possibilidade na música nas relações pessoais.

Ao falar sobre a família Zélia Bittencourt e Ana Paula Montagnoli (2007) percebem representações negativas sobre a surdez, apresentada como fardo, sobrecarga. Já no jornal a família aparece como possibilidade, como uma experiência diferente que arremata diversas histórias em tom de intimidade jornalísticas. Isso, contudo, não nega os dados de Bittencourt e Montagnoli (2007) que coletam as representações das próprias famílias, enquanto aqui o olhar é sobre a mídia.

Por outro lado, as matérias que voltam-se para as experiências, se aproximam da comunidade ou das pessoas surdas, mostrando uma realidade no âmbito institucional ou singular. A escola é a instituição mais falada e lembrada, sendo centro de várias disputas discursivas, o que é incluir e como se tem feito isso, é ponto de grande interesse social. Mas a escola não é única demanda dos surdos, e a classe “comunidade” mostra isso. O sujeito surdo ainda é causa de espanto social quando se organiza em grupos e ocupa espaços, e é nesse processo que se visibilizam, e buscam ser reconhecidos.

Singularmente os sujeitos surdos pairam na dicotomia de terem vivências que interessam e causam espanto, sendo a música o maior foco, mas também relações familiares. Por outro lado, a surdez apresenta-se como um problema, uma falta, como experiências negativas para os próprios sujeitos surdos.

CONCLUSÃO

Esse texto se limita a uma construção analítica que necessita de aprofundamento para uma melhor compreensão do fenômeno estudado. No momento aponta-se para classes que dialogam com os próprios surdos e categorias que tratam a surdez como uma prescrição, um sujeito universal. Essas categorias mostram o duplo movimento de aproximação e afastamento do discurso sobre a surdez, o que perpassa a prática, visibiliza-se, mas não necessariamente dando voz aos sujeitos.

O singular e o coletivo ampliam a experiência surda e mostram a centralidade da escola, sem negar a necessidade de outros espaços a serem conquistados. A singularidade que

sana as curiosidades sociais também apresenta o lado ‘problemático’ de ser surdo, e essa dualidade precisa de uma análise mais ampla. Mostra-se contudo a pertinência do trabalho e a necessidade de seu desdobramento.

Por fim, este texto alinha-se ao percurso dos autores de aproximar-se dos Estudos Surdos, e assim ampliar os saberes sobre a surdez, enquanto campo em construção. Busca-se assim construir um olhar intercultural sobre a surdez.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Janete Maria L. de. **A educação como política pública**. Campinas: Autores Associados, 1997. 75p. ((Polêmicas do nosso tempo; v. 56)). ISBN 8585701463(broch.).

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6. ed. -. Sao Paulo: Hucitec, 1992. 196p. (Linguagem e cultura) ISBN 85-271-0041-X.

BISOL, C. A., SIMIONI, J., & SPERB, T. Contribuições da psicologia Brasileira para o estudo da surdez. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 2008, 392–400. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300007>

BISOL, C., & SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 2010, 07–13. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002>

BITTENCOURT, Z. Z. L. C., MONTAGNOLI, A. P. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SURDEZ. *Medicina (Ribeirao Preto. Online)*, 2007, 40(2), 243. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v40i2p243-249>

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. Declaração de Educação para Todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. UNICEF. Brasília: Fundos das Nações Unidas para Infância, 1990b. Disponível em: < <http://www.portal.mec.gov.br> >.

_____. Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília, DF, 1994.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

_____. Ministério da Educação e Cultura/SECADI (2008) Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília-DF, 2008. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-deeducacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192 >

_____. Lei Nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE. Brasília –DF, 2014. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm >

CAMARGO, Brígido V.; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em < <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais> >

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92. Editora UFPR.

CARVALHO, Abdias V. de. **Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade.** Relatório de Pesquisa – Faculdade Santa Helena, 2009, p. 73.

CARVALHO, Camila L. de; SALERNO, Marina B.; ARAÚJO, Paulo F. de. A educação especial nas leis de diretrizes e bases da educação brasileira: uma transformação em direção à inclusão. Horizontes – *Revista de Educação, Dourados*, MS, v.3, n.6, p. 34- 48, jul./dez. 2015

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Carta-denúncia dos surdos falantes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ao Ministério Público Federal sobre a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva imposta à Educação de Surdos pela Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação. Rio de Janeiro, setembro de 2011.

_____. A Luta da Comunidade Surda Brasileira pelas Escolas Bilíngues para Surdos no Plano Nacional da Educação - PNE. Rio de Janeiro, julho de 2013.

FERRARI, Carla C. **Surdez, cultura e identidade:** as trajetórias sociais na construção das identidades de indivíduos surdos. Tese do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, São Paulo- SP, 2017

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População.** São Paulo- SP, Coleção Tópicos: Martins Fontes. 2008 .

GHANEM JUNIOR, Elie George Guimarães. **Educação escolar e democracia no Brasil.** Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. doi:10.11606/T.48.2000.tde-04112014-135113. Acesso em: 2019-02-12.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. **Revista Inclusão** nº 1, 2005, MEC/SEESP.

GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.* São Paulo: Plexus. 2002, 4ª Ed.

LIMA, P. A. Definindo educação inclusiva e educação especial. IN: LIMA, P.A. *Educação inclusiva e igualdade social: o desafio da qualificação.* São Paulo: EDUSC. 2001

JANNUZZI, Gilberta. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MAZZOTTA, Marcos Jose da Silveira. **Educação especial no brasil: história e políticas públicas**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 1996. 208 p.

NASCIMENTO, Sandra P. de F. do, e COSTA, Messias R. Movimentos surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de surdos: contribuições ao debate institucional. *Educar em Revista*, nº spe-2: 2014, p.159–78. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37021>.

OLIVEIRA, A. F. T. de M.; ARAÚJO, C. M. de. A Representação Cultural da Deficiência nos Discursos Midiáticos do Portal do Professor do MEC. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 2016, 22(1), 65–78. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000100006>

PERLIN, Gladis, e STROBEL, Karin. 2014. “História cultural dos surdos: desafio contemporâneo”. *Educar em Revista*, nº spe-2: 17–31. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37011>.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, Ed. 34, 2000. ISBN 9788573261349

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos, a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RAMOS, Phagner. COSTA-FERNANDEZ, Elaine M. A educação para a diversidade em busca de uma apreensão intercultural da surdez. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Vol 04, N. 03 - Jul. - Set., 2018, p. 221-243.

RAMOS, Phagner. COSTA-FERNANDEZ, Elaine M. **A Educação Surda em Pernambuco: um olhar intercultural sobre o Município de Venturosa**. Anais do V CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2018, p. 1-11.

RATINAUD, Pierre (2009). IRAMUTEQ: **Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires** [Computer software]. Retrieved from <http://www.iramuteq.org>

SANTOS, Victor Hugo da S. Representações Sociais sobre o Processo de Certificação da Indicação Geográfica do Queijo de Coalho no Agreste Pernambucano. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração Rural – UFRPE, 2018.

SANTOS, Viviane; SALVADOR, Pétala; GOMES, Andréa; RODRIGUES, Cláudia; TAVARES, Flávia; ALVES, Kisna; BEZERRIL, Manacés. IRAMUTEQ nas pesquisas qualitativas Brasileiras da área da saúde: scoping review. *Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud*, Volume 2, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 33. ed. -. Campinas SP : Autores Associados, 2000.. 94 p. - ((Colecao polemicas do nosso tempo).) ISBN 85-857001234

SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOUZA, MAR; WALL, ML; THULER, APMC; LOWEN, IMV; PERES, AM. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Rev Esc Enferm USP*. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 317 p.

VASCONCELOS, Norma. **Histórias e Memórias de Lideranças Surdas em Pernambuco.** Tese do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2018.